

# Uma casa muito engraçada. Se não fosse da PM

Fredson Charlson  
Da equipe do **Correio**

Edson Gês 14.2.99

Dois sofás sem encosto com almofadas furadas e em péssimo estado de conservação, três cadeiras também sem encosto, um filtro bem gasto, alguns copos de vidro e plástico espalhados por uma mesa quebrada, uma faca com a ponta quebrada, uma vassoura velha, um cobertor paraíba e, vazio, um tambor que deveria acondicionar água. Essa é a "móvel" do posto da Polícia Militar na invasão da Estrutural.

Mas não é tudo. Os policiais que trabalham no lugar — e que preferem se manter anônimos, com medo de alguma represália do comando da PM — têm dezenas de reclamações na ponta da língua. O posto não tem portas e janelas, iluminação elétrica ou mesmo água. A cobertura apresenta goteiras. Banheiro? Nem pensar. Trata-se de um objeto de desejo dos policiais que passam a semana no meio da poeira e do cheiro do lixo do Lixão da Estrutural e enfiados em um cubículo de 3m x 4m. "A gente tem que segurar a vontade até acabar o nosso plantão", dizem.

Sem nenhuma condição de funcionamento, outro aspecto soma-se à quantidade de problemas do lugar. O posto policial tem dezenas de furos feitos a bala. A localização — bem ao lado da pista principal de entrada da invasão — não impede a ação de criminosos, vândalos e bêbados que tentam, de alguma maneira, assustar os militares. Construído pelos ocupantes da Estrutural, o posto foi incendiado há cerca de um ano pelos próprios responsáveis pela construção. Indignados, eles cometeram o ato em represália pela derrubada de barracos pelos fiscais do Siv-Solo (Serviço de Vigilância do Solo) e policiais militares.

Tanta dificuldade em trabalhar se não assusta pelo menos incomoda os policiais militares que, durante a semana, fazem turno de 12 horas (das 7h às 19h e das 19h às 7h) e, nos fins de semana, trabalham uma média de seis horas diárias. As ocorrências acontecem o tempo inteiro. A maioria relacionada ao que os policiais chamam de "vias de fatos" (brigas, discussões, ameaças). Mas



*Com toda a precariedade que o envolve, o posto da polícia na Estrutural ainda tem que evitar a entrada de materiais de construção com os invasores*

há também muitos casos de mulheres em trabalho de parto, carros roubados, assassinatos.

O atendimento a esse tipo de ocorrência é precário. Não há telefones no "posto" (nem mesmo telefone público). Também não há nenhum rádio HT, que permitiria a comunicação rápida entre os policiais. A saída é recorrer, então, a algum telefone celular para chamar socorro pelo telefone 190. E azar do policial que não tiver um aparelho celular pessoal por perto. "Se a gente não tiver um celular ficamos desguarnecidos e à mercê dos marginais", diz um dos PMs.

## MEDO DA ESCURIDÃO

"O posto realmente oferece muito perigo, muita ameaça. Mas não dá para retirar os policiais de lá. Como protegeríamos as pessoas?", questiona o tenente Hércules Freitas, 28 anos, do 4º Batalhão de Polícia Militar (órgão que cuida da vigilância e segurança no Guará, Setor de Oficinas Sul, Setor de Indústrias Gráficas e Estrutural). O 4º BPM, aliás, assumiu a segurança da área há 15 dias. "Recebemos a herança do Siv-Solo e trabalhamos lá no período noturno e também nos finais de semana. De segunda a sexta-feira, uma unidade do Centro de Operações da Polícia

Militar (Copom) é quem faz a segurança da Estrutural", explica o tenente Hércules Freitas.

Segundo o militar, os policiais já reuniram uma documentação relatando as péssimas condições de funcionamento do posto e pedindo melhorias. O número de policiais é considerado insuficiente. "Fider à demanda de ocorrência seis policiais sempre de quatro. Não temos condições de colocar mais homens ali. Estão todos na teia da ronda", conta o tenente.

Os PMs também reclamam que o efetivo de atendimento das ocor-

rências reduz-se ainda mais pela necessidade de se ter sempre um policial no posto para evitar a entrada de material de construção na invasão. "E temos que ficar atentos principalmente quando começa a escurecer. Aí, é só Deus quem pode proteger a gente. Como podemos trabalhar direito sem energia elétrica? A qualquer momento podemos sofrer um ataque de algum criminoso. Afinal, esse lugar que não podemos nem chamar de posto não oferece nenhuma segurança e proteção a nossa equipe", desabafam os policiais que trabalham no posto da Estrutural.